

INAUGURAÇÃO

Na casa deles foi premiado um artista

Jorge Sampaio inaugurou uma «residência de artistas» em Vila Real. E entregou a José Cardoso Pires o Prémio D. Dinis

FÁTIMA FARIA

«Uma significativa manifestação de descentralização cultural.» Foi esta a definição de Jorge Sampaio para a Residência de Artistas, da iniciativa da Fundação da Casa de Mateus, que ontem inaugurou em Vila Real, no mesmo dia em que entregou a José Cardoso Pires o Prémio D. Dinis pela obra *De Profundis, Valsa Lenta*.

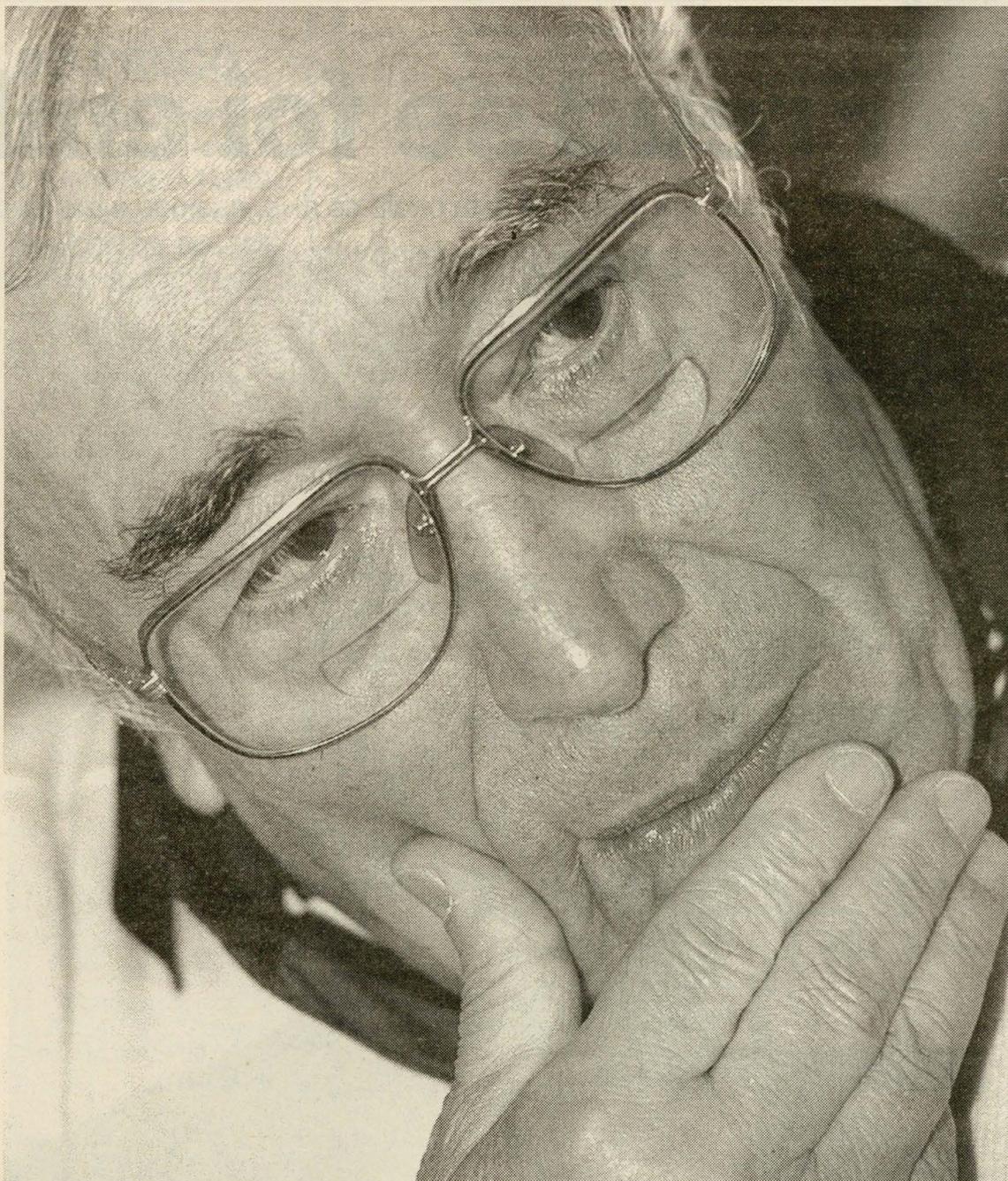
A residência destina-se a receber artistas das diversas áreas num espaço onde podem desenvolver as suas actividades criativas, a nível individual ou colectivo. Construída no local onde existia um lagar de azeite e uma destilaria, a casa ontem inaugurada tem 11 quartos e diversas salas de trabalho e convívio.

A obra, que corresponde a um investimento de cerca de 130 mil contos, teve o apoio do Ministério da Cultura e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), no âmbito do Plano de Desenvolvimento Integrado do Douro, através de uma comparticipação de 97 mil contos.

O Presidente da República desafiou a sociedade civil de Trás-os-Montes a introduzir aspectos regionais em «algo que começa a ter forte evidência internacional e nacional», como a acção que tem vindo a ser desenvolvida pela Fundação da Casa de Mateus.

Jorge Sampaio considerou ser «estimulante» a participação da população nas actividades da fundação, sugerindo uma maior incidência nos factores regionais.

Na mesma sessão, o chefe de Estado entregou o 18.º Prémio D. Dinis, instituído pela Fundação Casa de Mateus, a José Cardoso Pires. Um escritor a quem, se-



PALAVRA. O escritor saudou os presentes no Palácio de Mateus com um discurso no português da época de D. Dinis

gundo Jorge Sampaio, este galardão «assenta que nem uma luva», porque «está próximo das pessoas, tal como acontecia com o monarca».

Relativamente à obra premiada – *De Profundis, Valsa Lenta* –, o Presidente da República diz nunca ter visto «tão bem contada» a «enormíssima aventura» do contacto com o indeterminado como neste livro. Uma obra que, acrescentou, «resolve muitos dos nossos problemas, das nossas interrogações».

Vasco Graça Moura, presidente do júri, de que fazem também parte Nuno Júdice e Fernando Pinto do Amaral, anunciou José Cardoso Pires como «um dos mais notáveis autores da narrativa portuguesa», a quem não foi difícil atribuir por unanimidade do júri o Prémio D. Dinis relativo a 1997.

Fernando Pinto do Amaral não classifica a obra vencedora como um romance, conto ou novela, mas antes «uma narrativa que corresponde a um testemunho pessoal, de uma experiência-limite à qual geralmente não conseguimos ter acesso». Um livro «absolutamente único» que nos leva numa «viagem da qual tantas vezes não há regresso».

José Cardoso Pires, que começou por saudar os presentes no Palácio de Mateus – membros do actual e anterior governos, embaixadores, reitores, autarcas e artistas – com um discurso num português da época de D. Dinis, disse ter ficado «reconhecido e orgulhoso» com o prémio, lembrando que passa a figurar numa lista de premiados que inclui Sophia de Mello Breyner, Agustina, Vasco Graça Moura, ou Pedro Tâmen.